



CREWS DE MULHERES E O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO BRASIL – POR ENTRE HISTÓRIAS DE VIDA E DA ARTE

CREWS OF WOMEN AND THE TEACHING OF VISUAL ARTS IN BRAZIL - BETWEEN LIFE STORIES AND ART STORIES

Antonia Camila Alves Moreira

Universidade Federal de Goiás, Brasil

camilaalves33@gmail.com

Resumo

Como estudar história da arte no Brasil tendo como ponto de partida histórias de vidas? Pensando em como coletivos de grafiteiras (*crews*) traduzem nas cidades suas maneiras de ver espaço, vida e cotidiano, compreendo suas histórias como narrativas sobre arte urbana e produção contemporânea. A partir dos grupos Selo Coletivo (CE) e Minas de Minas Crew (MG), problematizo o silenciamento destas artistas diante do discurso/projeto colonizador na história das artes visuais e suas implicações na formação docente, fazendo disparar a seguinte pergunta: De que modo a discussão sobre a arte urbana feita por coletivos de mulheres grafiteiras encontra eco nos processos de formação docente em artes visuais? O grupo Selo Coletivo foi criado em 2009 na cidade de Fortaleza, atuou na cidade por meio de intervenções, exposições e oficinas até 2014, com elas falo de minhas primeiras experiências com a arte urbana fortalezense. A *crew* Minas de Minas (MG) representa um território a ser desbravado, acompanha minhas narrativas de autorreconhecimento étnico-racial. O trabalho é tecido por intermédio de minhas vivências de pesquisadora, meu percurso como doutoranda, artista e educadora, junto às vivências destas mulheres, entrelaçando histórias de vida e saberes artísticos como suportes da investigação. A partir do entendimento dos estudos da cultura visual em que “novas situações sejam políticas, dilemas éticos, novos objetos e perguntas colocadas pela cultura visual afetam nossos modos de visão” (HERNANDÉZ, 2013) encaro a cidade como espaço reinventado por meio das experiências dos habitantes, passantes ou errantes (JACQUES, 2010) nesse sentido, discuto as derivas urbanas (CARERI, 2002), entrevistas semiestruturadas e análise de imagens pela cidade como ações metodológicas da pesquisa. Por fim, é na tessitura dessas histórias de vida que proponho reflexões sobre o ensino de artes visuais, alinhavando na escrita minhas experiências docentes com a licenciatura em artes visuais da FAV/UFG.

Palavras-chave: histórias de vida; feminismos; arte urbana; ensino de artes visuais.

Abstract

How to study art history in Brazil taking as a starting point stories of lives? Thinking about how graffiti collectives translate crews represent their ways of seeing space, life, and everyday life in cities, I understand their stories as narratives about urban art and contemporary production. With the groups Selo Coletivo(CE) and Minas de Minas Crew (MG), I problematize the silencing of these artists before the discourse/ colonizing project in the history of the visual arts and its implications in teacher training, raising the following question: How does the discussion of urban art by women echo in the processes of teacher training in the visual arts? The group Selo Coletivo was created in 2009 in the city of Fortaleza, it acted in the city through interventions, exhibitions and workshops until 2014. The group marks my first experiences with urban art fortalezense, The Minas de Minas (MG) crew represents a territory to be broken, accompanying my narratives of ethnic-racial self-recognition. The work is woven through my experiences as a researcher, my career as a doctoral student, artist and educator, together with the experiences of these women, interlacing

life histories and artistic knowledge as a support for research. Based on the understanding of visual culture studies in which “new situations are political, ethical dilemmas, new objects and questions posed by visual culture affect our modes of vision” (HERNANDEZ, 2013) I see the city as a space reinvented through the experiences of the inhabitants, past or wandering (BERENSTEIN, 2010) in this sense, I discuss urban drifts (CARERI, 2002), semi-structure interviews and image analysis by the city as methodological actions of the research. Finally, it is in the context of these life histories that I propose reflections on the teaching of the visual arts, combining in writing my teaching experiences with undergraduate students in the visual arts of the FAV / UFG.

Keywords: life stories; feminisms; urban art; visual arts education.

O tema abordado no presente texto percorre a produção de coletivos brasileiros de arte urbana formado por mulheres, as *crews*, suas histórias de vida, suas produções e suas formas de intervenção na cidade, atravessando locais de formação como a prática docente em artes visuais, contando e recontando histórias da arte.

Nesse sentido, investigo os modos como dois coletivos brasileiros de arte urbana formados por mulheres se organizam e constituem-se a partir de suas histórias de vida e suas militâncias estéticas e políticas. A partir do encontro com os grupos Selo Coletivo (CE) e Minas de Minas *Crew* (MG), problematizo o silenciamento destas artistas diante do discurso/projeto colonizador na história das artes visuais e suas implicações na formação docente, fazendo disparar a seguinte pergunta-chave: De que modo a discussão sobre a arte urbana feita por mulheres encontra eco nos processos de formação docente em artes visuais?

Desta, outras se desdobram: Que histórias essas artistas podem nos contar por intermédio de seus lugares de fala e de seus saberes como provocação diante e para além da história da arte oficial? Como se constituem seus processos de subjetivação e seus modos de estar no mundo como mulheres, artistas e ativistas urbanas? Neste movimento, o trabalho é tecido a partir da abordagem (auto)biográfica, entrelaçando histórias de vida e saberes artísticos como suporte da investigação.

Feche os olhos e pense em quantas mulheres brasileiras nas artes visuais você conheceu em suas aulas de Artes da escola, pensou? Com exceção das modernistas Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, quais são as artistas que você conheceu na escola? Num país tão imenso quanto o Brasil é difícil generalizar sobre as escolas e ensinos, e ainda mais ensino de artes, porém, teimo em afirmar que poucas são as mulheres trazidas nas salas de artes em nosso país, ao lado de um paradoxal número de mulheres produzindo ao longo dos tempos.

Para falar a verdade, se eu for mesmo falar de escola devo lembrar que não tive aula de artes, e a maioria dos artistas plásticos que conheci foi no final do ensino médio como conteúdo paralelo ao ensino de literatura, anos depois, já na faculdade de Letras mais uma lista infindável de artistas, - sempre homens, sempre brancos – guiando os conteúdos.

As histórias às quais me refiro e que direcionam também o foco dessa investigação encontram na crítica feminista na história da arte, mais detidamente ao trabalho da historiadora da arte Griselda Pollock, sentido para o debate. A autora americana é responsável por inúmeras contribuições para a discussão da área, é por meio do conceito de Intervenção Feminista na História da Arte que Pollock argumenta sobre o confronto gerado nos discursos dominantes na Arte por meio destas intervenções, que demandam também de um reconhecimento das relações de poder e gênero, fazendo visíveis os mecanismos de poder masculinos e a construção social da diferença sexual. Pollock defende as intervenções feministas como uma redefinição dos objetos de estudos e das teorias e métodos como forma de fazer ver tais produções artísticas e culturais numa esfera ampliada das artes e humanidades. (POLLOCK, 2010).

Acessar os coletivos de arte urbana é maneira de reivindicar espaços na história das artes visuais e da arte urbana no Brasil, porém, não apenas ocupar lugares, numa revisão ampliada da história da arte com um capítulo sobre mulheres, não é tão simples assim. Entendo poder encontrar formas de contar histórias, formulando outros modelos de construí-las e para isso abraçando as concepções das histórias e experiências de vida.

Pensando nisso, e segundo Marie-Christine Josso a formação é sempre uma autoformação, ela entende que todo conhecimento é autoconhecimento e que a narrativa de vida é uma forma de tomada de consciência da formação do sujeito para a emergência de um sujeito da formação. Para Josso:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mudanças sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (JOSSO, p. 414, 2007).

O objetivo em trabalhar com o conceito de histórias e experiências de vida e formação reforça lugares sobre como construir uma pesquisa acadêmica que envolva parte de nossa trajetória no mundo, que inclua nossas falas, mas também nossas escutas. Para isso considero importante acessar e rastrear em minhas memórias, algumas das experiências mais relevantes dos anos como educadora em Museus de Arte.

Por entre cidades

Atravessando Fortaleza, no Ceará, sou capaz de recontar histórias com seus muros, desço a rua João Cordeiro, sentido praia de Iracema e vejo surgir um enorme coração, adiante,



cruzando a rua Monsenhor Tabosa, descendo a duna de asfalto, o coração agora preenche meu horizonte-paisagem. O enorme coração feito com pedaços de madeira e casinhas de pássaros é a intervenção artística do mexicano Alfredo Libre Gutierrez¹, realizada durante a 4ª edição do Festival Concreto e que surge neste texto como forma indicar pontos de um mapa reconstruído por mim sobre a cidade.

Lembrando Berenstein Jacques:

São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano (JACQUES, 2008, p 03).

As ruas de Fortaleza sempre foram para mim lugar de muitas histórias, as conversas sobre a infância de minha mãe na cidade, a famosa Praça do Ferreira no centro, local em que sempre ia quando destino era o centro, seja para ir ao Cinema São Luiz, seja para resolver alguma coisa acompanhando minha mãe. Durante a infância, quando esse destino se fazia eu tinha a certeza de que no final do “passeio” haveria um lanche, ou como se diz em Fortaleza; a merenda.

Em meados dos anos 2004, quando comecei a fazer Faculdade percorria cerca de 6 a 7 km entre o bairro Maraponga onde morava, e a área II do Centro de Humanidades, no bairro Benfica, onde fazia o curso de Letras na Universidade Federal do Ceará. Nesse trajeto, os ônibus passaram a ser companheiros, durante a viagem até os destinos a cidade se mostrava dia a dia nas esquinas, travessas e propagandas de *outdoor*, eu a seguia inventando novos caminhos, demarcando experiência e escrevendo e lendo minha vida.

Em 2006 quando comecei a estagiar no Museu de Arte Contemporânea não só a rota aumentou, mas minhas maneiras de conhecer e desvendar Fortaleza, as aprendizagens no Museu diante das obras me ajudaram a ver a cidade e seus muros, reconhecer os diferentes discursos visuais que gritavam em meu percurso cotidiano.

Minhas primeiras experiências como educadora no museu exigiram percepção, as conversas com os colegas de Educativo do MAC incluíam dicas de como lidar com os grupos escolares, passeando pelas salas as conversas incluíam ainda noções sobre luz e cor, composição e texturas, na medida em que lia e percorria as obras no Museu lia também minhas rotas pela cidade.

Em 2010 desenvolvi um trabalho com eStencil percorrendo parte dos trânsitos descritos acima. Sob o título de *carta aberta* escrevi 10 frases, que por sua vez, surgiram de uma carta pessoal e foram adaptadas para a cidade, meu objetivo era grafitar a cartas na altura que permitisse a leitura por quem estivesse dentro dos ônibus. Entendo que meu percurso diário cruzando bairros da cidade, driblando o tempo de espera, e mesmo a dificuldade do

¹ Página do artista no Facebook: <https://www.facebook.com/LibreHem/photos/a.467120336714300/1569577369801919/?type=1&theater>

trânsito intenso, como uma forma de apropriação do espaço, na repetição de meus trajetos fui compondo novas Fortalezas.

A obra fez parte da Semana de Arte urbana do Benfica (SAUB) evento organizado pelo artista e professor Herbert Rolim, e o grupo de estudos Meio-Fio, do Instituto Federal do Ceará (IFCE). Minha proposta consistia em marcar uma rota com frases dos dois lados de uma grande Avenida de Fortaleza. Na imagem abaixo cada ponto vermelho indicaria um local para colocar cada uma das frases.



Figura 1: Projeção da intervenção *Carta-Aberta*, 2010.
Fonte: Arquivo pessoal.

Nas imagens abaixo, a sequência das cartas que seguiam uma possível narrativa (esquerda), mas que também sobreviveriam sozinhas caso o público não percebesse a continuidade das imagens. Na imagem seguinte (direita) a sequência da mesma frase “essa carta não veio” fazia referência à carta que não foi respondida, como àquela que não recebi.



Figura 2: Registro das cartas pela avenida João Pessoa, Fortaleza-CE, 2010.
Fonte: Arquivo pessoal.



As cartas são também o resultado de uma vivência que começou anos antes, no Museu. Em 2008 o Grupo Acidum (CE)² realizou a exposição *Entregue às moscas*, uma exposição de Arte Urbana com trabalhos do grupo. Como contrapartida, o grupo propôs o Laboratório Acidum, uma oficina sobre Graffiti e arte urbana. O Grupo Acidum inicialmente era formado por cinco artistas que se encontraram no MAC-CE, parte da equipe que formava o grupo à época, trabalhou comigo durante algum tempo. Eu e alguns educadores participamos do laboratório e construímos Stencil para replicar pela cidade. Foi no laboratório Acidum onde criei meu primeiro Stencil, e foi também através desse encontro que o grupo Selo Coletivo começou suas primeiras conversações.

Algum tempo depois do Laboratório, eu e três educadoras do museu resolvemos fazer uma intervenção urbana. A história começou quando a Juliana Chagas quis ‘paquerar’ um rapaz. Entre as mesas dos bares e conversas pelos corredores do Museu falávamos sobre muitas coisas, inclusive sobre mediação e sobre produzir na rua. Lembro que entre nós quatro, era a Cecília Shiki quem sempre dizia que “a gente devia ir pra rua”. Num desses dias de conversa, Juliana sugeriu sua paquera como uma forma de ‘artistar’ na rua.

Cada uma decidiu mais ou menos o que faria e em que local faríamos um exercício de Graffiti/lambe, Juliana fez uma pesquisa de *tags*³ construindo uma frase de amor onde inseriu a *tag* pesquisada. O rapaz por quem Juliana estava interessada é pichador e assinava com a *tag FICO*, pensando nisso a frase escrita por Juliana foi: *Se tu vens/ eu FICO*.



Figura 3: Registro de intervenção (2009).
Fonte: Arquivo Pessoal.

² Acidum teve sua primeira formação em 2007, com estudantes de artes visuais. Até 2011 o grupo era formado até então por Robézio Marqs, Jabson Rodrigues, Leo BDSS, Henrique Viudez e Rafael Limaverde. Hoje as ações do Acidum são feitas pelo casal Terezadequinta e Robézio. Além de ações colaborativas entre si e com outros artistas em projetos diversos, seja com murais, design, fotografia, graffiti, Lambe-Lambe, Tatuagem, Stickers, Stencils, projetos áudio visuais ou exposições, o coletivo deixa uma de suas marcas principais que é o experimentalismo e sua matriz de inspiração na arte urbana. Mais informações sobre o Acidum Projetc: <https://www.facebook.com/acidumproject>

³ As tags são assinaturas estilizadas que representam um sistema de comunicação entre grupos de pixadores. (FILARDO, 2015).

No grupo havia além de mim, Juliana e Cecília, a também artista cearense Bruna Beserra. Escolhemos a Avenida João Pessoa, pois ficava próxima à residência do rapaz por quem Juliana era apaixonada. Para todas nós, esse dia marcou a primeira saída de rua que fizemos. Pouco tempo depois, Juliana, Cecília e Bruna convidaram a artista Tereza de Quinta e formaram o Selo Coletivo. Em contato com elas tive acesso ao material como Portifólio e o Currículo do Coletivo e é desses materiais que em suas palavras elas se denominam como:

Um grupo de jovens artistas mulheres, no qual produzem uma série de ações que dialogam com os conceitos de arte urbana, fazendo uso, sobretudo, de técnicas como graffiti, stencil, lambe - lambe e stickers. Se auto denominam Ilustradoras Urbanas (SECRETARIA DE CULTURA DE FORTALEZA, 2012)

O grupo Selo Coletivo⁴ teve ampla repercussão de seus trabalhos, entre os anos de 2009 e 2014, trabalharam essencialmente com a linguagem do Lambe-lambe⁵, segundo elas, o trabalho do Selo unia a diversidade ilustrativa de cada uma ao conjunto de personagens criados para e na cidade e seus muros.

Até aqui compreendo que os meus trânsitos entre várias cidades dentro de uma só, atravessam também outras vidas, a partir da experiência no MAC, onde conheci parte dos artistas que hoje consolidam seu trabalho de arte urbana. O retorno às memórias compõe a prática narrativa das histórias de vida. Segundo Araújo:

Para a pesquisa (auto)biográfica, a narrativa é fundamental para o processo de compreensão e invenção de si e do mundo, pois ela foca o olhar para as tramas que envolvem os sujeitos e para a rede complexa e cambiante que o faz mudar sem cessar. Sempre que um sujeito conta sua história a faz de uma forma nova. O passado recomposto não é a representação de algo que lhe aconteceu, é a construção de um passado, sempre em movimento, interpelado por toda uma série de acontecimentos, pessoas, objetos, sonhos, desejos que compõem sua fala (ARAÚJO, 2017, p.30).

Como cheguei às histórias do Selo Coletivo por intermédio de minhas memórias? Qual sentido em tramar possíveis fios soltos? E finalmente, como essa trama encontra alicerce em discussões sobre formação docente?

Campo_1: Entre rodas de conversas

Minha primeira ida a campo foi para conversar com as mulheres do Selo. Convidei-as para uma conversa sobre o Coletivo, mas também imaginava essa uma forma de encontrar minhas amigas, numa revisita aos anos de Museu. Trabalhamos juntas, eu Cecília, Bruna e Juliana.

⁴ Página do grupo no Facebook: <https://www.facebook.com/selo.coletivo>

⁵ Técnica na Arte Urbana que usa cola caseira para grudar imagens nas paredes.



Com Tereza tive a chance de conviver em vários momentos também oportunizados pelo MAC, e ainda trabalhamos juntas em duas exposições temporárias.

Encarei essa ida à Fortaleza como uma forma de revisita-la, reencontrar imagens pela cidade e com elas conversar sobre novas mudanças, no sentido do trânsito, nas rotas alteradas pelas reformas urbanas, novos pontos de violência e índices que muito me assustaram. Caminhar pela cidade era um dos meus objetivos, caminhar por pontos conhecidos por nós, eu e as mulheres do Selo, mas não houve chance, tempo, nem coragem.

Numa tarde de sábado, na casa da Juliana, enquanto seu filho de um ano, Benício, tirava o sono da tarde, nos reunimos ao redor de uma mesa de café com bolo. Muitas memórias vieram à tona quando cruzei o portão da casa, que hoje é a casa da avó do Benício.

Ainda assim, tramei questões que me orientassem uma conversa acerca dos pontos que considero chave da pesquisa, elaborei quatro questões: *Cidade, arte urbana e mulheres. Como essas questões se tocam?/ Histórias de vida e história da arte, como? quando? de que forma?/ Você(s) poderia(m) fala da experiência de trabalhar em/no coletivo?/ O que vocês gostariam de contar sobre seus percursos de formação?*

As questões que trouxe acima, por sua vez, foram rascunhadas através do encontro com outras mulheres, que mesmo sem fazer parte de um coletivo possuem um trabalho de Arte na cidade.

Em 2016 quando participei na produção do 3º Festival Concreto⁶, fiquei responsável por produzir as atividades de formação no evento, por este motivo, a experiência do trabalho se confundiu com a experiência estética de caminhar pela cidade acompanhando as intervenções visuais. Durante o Festival percebi a presença de muitas mulheres e por isso, resolvi convidar algumas delas para conversar.

Convidei as artistas Maruska Ribeiro, atriz e performer; Erika Miranda, estudante de arquitetura e artista urbana; Raísa Crhistina, artista visual; Bruna Beserra, artista urbana e Cecília Shiki, artista urbana. As duas últimas convidadas também fizeram parte da entrevista com o Selo Coletivo.

Meu objetivo nesse primeiro encontro era partir das memórias sobre Fortaleza, pensando sobre quais foram as primeiras memórias que cada uma teve de grafites na cidade, ou memórias de intervenções urbanas, lambes e demais ações artísticas em Fortaleza. Para juntas pensarmos sobre a ligação dessa memória com seus trabalhos desenvolvidos na cidade.

Na sequência questionei-as sobre em qual ou se em algum momento elas tiveram contato com questões feministas nas artes. Buscava compreender sobre como acontece o ensino

⁶ O festival concreto é um evento de grande porte que coloca Fortaleza no mapa dos grandes eventos de Graffiti, mais sobre disponível em: <http://www.festivalconcreto.com.br/>

formal das Artes e como chegamos na abordagem sobre mulheres artistas. Além disso, busquei saber sobre como elas encaravam a experiência do Festival Concreto em seus trabalhos hoje, falar sobre isso.

Nas duas rodas de conversa ouvi sobre diferentes formas de encarar a rua, para maioria das mulheres presentes a rua surge como um lugar tenso, em que o tempo para fazer o trabalho é o intervalo entre interrupções de homens que passam e tiram alguma piada sobre a presença do corpo feminino na cidade.

No primeiro grupo, das mulheres que estiveram no Festival Concreto de 2016, ouvi da maioria que se sentem mais a vontade quando saem em grupo, seja com parentes homens ou mesmo com demais mulheres.

Para Selo Coletivo não seria diferente, apesar da tensão em sair na cidade e dar as costas para o trânsito para dedicar-se ao muro, estar em grupo as fortalece, e tornou-se hábito, desde que o grupo acabou, à sua maneira, cada uma desenvolve seus trabalhos na cidade por meio de algum tipo de coletivo, Tereza dQuinta faz parte do Acidum Project, com seu companheiro Robézio Marqs; Bruna e Cecília quase sempre saem juntas e com outros artistas; de fato somente a Juliana se afastou da produção nas ruas, dedica-se ao trabalho como professora no Corpo de Bombeiros do Ceará.

As histórias de vida de todas essas mulheres, tanto das artistas no Festival quanto o Selo Coletivo, se unem às minhas e descubro nesse processo uma rede de relação e de afetividade. Descobri que aquilo que motiva à pesquisa está intimamente relacionado ao como me relaciono com a cidade e com estas sujeitas, muito além de ir a campo para validar um argumento de pesquisa, minha intenção sempre tinha sido a de reencontrar experiências e pessoas sujeitas à experiência.

Desenhando novas rotas

Diferente da caminhada pela cidade sentindo o clima e desbravando territórios, virtualmente caminhei por ruas de Belo Horizonte e vi surgir uma famosa atriz global vestida de Carmem Miranda, foi assim que conheci o grupo Minas de Minas⁷, quatro grafiteiras de Belo Horizonte-MG. A atriz é a Taís Araújo⁸, uma das atrizes negras no Brasil, responsáveis hoje por discutir sobre gênero e relações étnico-raciais. Na história da TV, Taís é a primeira atriz negra a receber um papel principal na novela “Xica da Silva” em 1996⁹. Na imagem Taís é adornada

⁷ Página do grupo Minas de Minas no Facebook: <https://www.facebook.com/minasdeminas/>

⁸ Imagem da atriz, disponível na página de Facebook do Minas de Minas: <https://www.facebook.com/minasdeminas/photos/a.1794191353934066/1782493615103840/?type=3&theater>

⁹ Segundo Bebel Nepomuceno (2012): “A temática racial foi ignorada pelos criadores de novelas até o início dos anos 1990, mesma década em que uma atriz, pela primeira vez, atuou como protagonista numa trama”. A novela foi “Xica da Silva”, da Rede Manchete, exibida entre setembro de 1996 e agosto de 1997, com a atriz Taís Araújo no papel-título.



como a típica baiana, adereços e cores tropicais, numa salada de referências, na parede a história sendo entregue a quem de fato representa a cor e o sentido em representar o Brasil, a mulher negra, sem forjar memórias como Carmem Miranda uma artista portuguesa representando o Brasil no exterior.

A Crew Minas de Minas é formada por quatro grafiteiras: Krol (Carolina Jaued), Nica (Nayara Gessyca), Musa (Louise Libero) e Viber (Lidia Soares). Estão juntas desde 2004, seus trabalhos são diversos, elas consolidam uma cena intensa de produção, por meio de projetos, eventos, oficinas e com o objetivo de discutir sobre feminismos. Apesar do traço de cada uma, percebi em seus murais um trabalho coletivo de colaboração em favor da construção de uma imagem, em que os traços individuais dão força ao resultado único.

Apontei esse coletivo na pesquisa que hora desenvolvo no Doutorado sem necessariamente compor alguma relação de proximidade com elas, pois não as conheço, apesar disso, a relação que começo a compor com suas imagens me permite reconhecimento. Com elas, mesmo sem conhecê-las discuto sobre como construir histórias da Arte a partir de nossas próprias histórias de pertencimento e identidade.

Unindo todas essas histórias, as minhas, das mulheres em Fortaleza e das mulheres que ainda não conheci compreendo ser urgente pensar sobre o ensino de Artes Visuais. E para finalizar compartilho um último emaranhado de histórias; com os alunos de Licenciatura em Artes Visuais da UFG que conheci em meu estágio docente.

Durante o ano de 2017 acompanhei a turma de primeiro ano da licenciatura em Artes Visuais da FAV-UFG. Nessa experiência tínhamos e temos caminhos parecidos, afinal, tanto eles quanto eu enfrentaremos 4 anos de curso, no final, sairemos diferentes, porém, igualmente transformados.

Por meio das aulas¹⁰ descobri lacunas preenchidas pelo desejo dos alunos em promover transformações no cotidiano do curso de Artes Visuais, percebi neles a vontade de construir coletivamente um currículo que incluísse suas questões de interesse. Na ação de intervenção artística que fizemos juntos, motivados pela frase “O que você tanto quer dizer que não fala”, acompanhei os alunos. Nesse caso, a turma da licenciatura a quem convidei para construir Stencil e lambes já possuía ampla experiência com a linguagem da arte urbana.

Aos poucos fui acompanhando uma turma inflada de desejos e vontades em construir um espaço de formação pautado por questões da arte urbana como via de resistência, espaço para construção de identidades e posicionamentos políticos e profissionais.

¹⁰ O estágio docente é obrigatório para alunos do Doutorado, nesse sentido devemos cumprir 60 horas-aulas. Realizei parte do estágio nas disciplinas “Estudos Críticos e Educação” e “História do ensino de Artes Visuais no Brasil”, antes disso, acompanhei 5 aulas da disciplina de “Fundamentos da Arte na Educação” sem o caráter de estágio.

Trouxe como contribuição para as aulas minhas experiências com arte urbana, desenhando possibilidades para o exercício que os provoquei a fazer, pedi que eles dissessem sobre questões de interesse, pedi que os fizessem por meio de Stencil e lambe-lambe, técnicas que se referem a arte urbana. O resultado desse pedido foram muitos lambes pelo entorno da Faculdade de Artes Visuais (imagem abaixo), e para mim a confirmação de um novo lugar para pensar e questionar a Arte.



Figura 4: Intervenção na Fav.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Na sequência de todas essas Histórias e Experiências de Vida meu objetivo entende a cidade como lugar do encontro com experiências visuais, espaço a ser apropriado e reinventado por seus habitantes, nesse caminho, um local de embates e enfrentamento, em que a história das mulheres artistas é solapada tendo em vista ser um lugar em que o corpo feminino não é permitido para criar ou tomar como seu.

Apesar disso, a produção contemporânea feita por mulheres e em coletivo reconta formas de entender cidade, Arte e a histórias dessas próprias mulheres. Todas as experiências que tive a chance de perceber - seja entre as mulheres artistas que apresentei no texto ou os alunos e alunas que conheci no início da Graduação em Artes Visuais e também, seja por meio das minhas experiências com a cidade - me impulsionam ainda mais para os muros, nas cores e na ausência destas vejo poesia e caos, vejo histórias vivas e esquecidas, vejo potência e sensibilidade.

Referências

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. **Biograficidade**: a arte urbana na formação de si e do espaço. Tese de Doutorado em Educação na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. p. 296. 2017.

JOSSO, M-C. **Experiências de Vida e Formação**. Editora Cortez. São Paulo. 2004.

MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene e SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs). **Pesquisa Narrativa:** interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2017.

MIGNOT, Ana Chrystina; SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de viver, narrar e guardar: diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 10 – 33, set./dez. 2015.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla. PEDRO, Joana Maria (Orgs). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo. Editora Contexto. (pags. 382- 409). 2012.

POLLOCK, Griselda. **Encuentros em el museo feminista virtual**. Ediciones Cátedra. Madrid. 2010.

SECRETARIA DE CULTURA DE FORTALEZA. **Exposição Selo Coletivo**. Conclusão do Projeto Fortaleza, cidade da intervenção visual, Curadoria de Nathalia C. Forte. Galeria Antonio Bandeira, 2012.

Documentos eletrônicos

ABRAÃO, Maria Helena. Memórias, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica. **História da Educação**. Pelotas, n.14, p 79-95, set. 2003. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223/pdf> > Acesso em: 19 de Agosto de 2018.

FILARDO, Pedro. **A pixação (tags) em São Paulo**. Dinâmicas dos agentes e dos espaços. Dissertação de Mestrado, USP – São Paulo. p.84. 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165> > Acesso em: 25 de junho de 2018.

JOSSO, M-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Porto Alegre. **Educação**, 3, (pp. 413-438). 2012. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088> > Acesso em: 19 de Agosto de 2018.

PINEAU, Gaston. Histórias de Vida e Formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a09v32n2> > Acesso em: 19 de agosto de 2018.

Minicurrículo

Antonia Camila Alves Moreira

Educadora. Possui experiências em Museus, espaços expositivos e também em Produção Cultural. Possui Mestrado em Arte e Cultura Visual (UFG). Atualmente realiza o Doutorado em Arte e Cultura Visual (UFG) com a pesquisa voltada para o tema Arte urbana produzida por mulheres no Brasil, sob a orientação da Profª Drª Lêda Guimaraes.